

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II

PARA O 19º DIA MUNDIAL

DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS 1985

«As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude»

[Domingo, 19 de Maio de 1985]

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo, homens e mulheres que assumistes a causa da dignidade da pessoa humana, e vós, sobretudo, jovens do mundo inteiro que deveis escrever uma nova página da história a caminho do ano dois mil!

1. A Igreja, como faz anualmente, prepara-se para celebrar o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Um momento de oração e de reflexão, no qual se deve sentir envolvida toda a comunidade eclesial, chamada ao anúncio e ao testemunho do Evangelho (Mc 16,15), para que os *mass media*, com a colaboração de todos os homens de boa vontade, possam verdadeiramente contribuir “para a aplicação da justiça, da paz, da liberdade e do progresso humano” (*Communio et progressio*, n. 100).

O tema do Dia — “As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude” — quer fazer eco à iniciativa das Nações Unidas que proclamaram 1985 como o “Ano Internacional da Juventude”. Os meios de comunicação social, “capazes de ampliar infinitamente o campo de escuta da Palavra de Deus” (*Evangelii nuntiandi*, n. 45) podem oferecer aos jovens uma notável contribuição para realizar, através de uma escolha livre e responsável, sua vocação pessoal de homens e cristãos, preparando-se assim para ser os construtores e os protagonistas da sociedade de amanhã.

2. A Igreja — com o Concílio Vaticano II, cujo 20º aniversário de conclusão acontece neste ano e, depois, o magistério — reconheceu claramente a grande importância dos *mass media* no desenvolvimento da pessoa humana: no plano da informação, da formação, do amadurecimento cultural, além da diversão e do emprego do tempo livre. A Igreja também foi explícita em reconhecer que os meios de comunicação são *instrumentos* a serviço do homem e do bem comum, *meios*, e não *fins*.

O mundo da comunicação social está hoje empenhado num vertiginoso, complexo e imprevisível desenvolvimento: já se fala de uma *época tecnocrônica*, para indicar a crescente interação entre tecnologia e eletrônica — e está imerso em não poucos problemas, ligados com a elaboração de uma *nova ordem mundial* da informação e da comunicação, em relação com as perspectivas amplas do emprego dos satélites e da superação das barreiras do céu.

Trata-se de uma revolução que comporta não só uma mudança nos sistemas e nas técnicas de comunicação, mas envolve todo o universo cultural, social e espiritual da pessoa humana. Ela não pode responder simplesmente às próprias regras internas, mas deve deduzir os próprios critérios de fundo a partir da *verdade do homem e sobre o homem*, formado à imagem de Deus. Conforme o *direito à informação* que todo homem tem, a comunicação deve sempre se adequar, no seu conteúdo, à verdade e, com relação à justiça e à caridade, deve ser íntegra. Isto vale, com maior razão, quando os interessados são os jovens, aqueles que estão se abrindo às experiências da vida. Neste caso, sobretudo, a informação não pode ficar indiferente aos valores que atingem, em profundidade, a existência humana, como o primado da vida desde o momento de sua concepção, a dimensão moral e espiritual, a paz, a justiça. A informação não pode ser neutra diante de problemas e situações que, em nível nacional e internacional, revolucionam o tecido que une a sociedade, como a guerra, a violação dos direitos humanos, a pobreza, a violência, a droga.

3. O destino do homem sempre se decide diante da verdade, da escolha que ele, em força da liberdade que lhe deixou o Criador, cumpre entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Mas é impressionante e doloroso constatar, hoje, um sempre maior número de homens impedidos de fazer livremente a própria escolha: porque subjugados por regimes autoritários, sufocados por sistemas ideológicos, manipulados por uma ciência e uma técnica totalizantes, condicionados por mecanismos de uma sociedade que fomenta comportamentos sempre mais despersonalizados.

A *liberdade* parece ser o grande desafio que a comunicação social deverá enfrentar, para conquistar espaços de suficiente autonomia, especialmente onde deve, ainda hoje, submeter-se a *censuras* de regimes totalitários ou a *imposições* de poderosos grupos de pressão culturais, econômicos, políticos.

Os *mass media*, *fatores de comunicação e de progresso*, devem superar as barreiras ideológicas e políticas, acompanhando a humanidade em seu caminho para a paz e favorecendo o processo de integração e de solidariedade fraterna entre os povos, na dupla direção leste-oeste e norte-sul. Veículos de formação de cultura, os *mass media* devem contribuir para a renovação da sociedade e, especialmente, para o desenvolvimento humano e moral dos jovens, fazendo com que tomem consciência das preocupações históricas que os esperam, às vésperas do Terceiro Milênio. Para isso, os *mass media* devem abrir novos horizontes à juventude, educando-a para o dever, para a honestidade, para o respeito dos próprios semelhantes, para o sentido da justiça, da amizade, do estudo, do trabalho.

4. Estas considerações põem em relevo o imenso potencial de bem que os meios de comunicação social podem fazer libertar. Mas, ao mesmo tempo, deixam intuir as graves ameaças que os *mass media* podem levar à sociedade, se empregados com a lógica do poder ou de interesses, se usados com objetivos distorcidos, contra a verdade, contra a dignidade da pessoa humana, contra a sua liberdade; e, em primeiro lugar, aos seus membros mais frágeis e indefesos.

O jornal, o livro, o disco, o filme, o rádio, especialmente a televisão e, agora, o videocassete, até o sempre mais sofisticado computador, representam já uma fonte importante, se não única, através da qual o jovem entra em contato com a realidade externa e vive o próprio dia-a-dia. O jovem, por outro lado, está sempre mais próximo dos meios de comunicação, quer porque o tempo livre é maior, quer porque o ritmo acelerado da vida moderna acentuou a tendência à distração como pura evasão. Além disso, pela ausência dos pais, quando a mãe é também obrigada a trabalhar fora de casa, afrouxou-se o tradicional controle educativo sobre o uso de tais meios.

Os jovens, assim, são os primeiros e mais imediatos receptores dos *mass media*, e são também *os mais expostos* à multiplicidade de informações e de imagens que, por meio deles, chegam diretamente em casa. Por outro lado não é possível ignorar o perigo de certas mensagens, transmitidas até nas horas de maior audiência do público juvenil, contrabandeadas por uma publicidade sempre mais aberta e agressiva ou propostas por espetáculos, onde parece que a vida do homem esteja regrada apenas pelas leis do sexo e da violência.

Fala-se de uma “vídeodependência”, um termo que já entrou para o uso comum, para indicar a sempre maior influência que os meios de comunicação social, com sua carga de sugestão e de modernidade, têm sobre os jovens. É preciso que se examine profundamente este fenômeno, que se verifiquem suas reais conseqüências sobre os receptores que ainda não amadureceram suficientemente sua consciência crítica. Não é, portanto, uma questão somente de ocupação do tempo livre, isto é, de uma restrição dos espaços que devem ser reservados cotidianamente para outras atividades intelectuais e recreativas, mas também de um condicionamento da mesma psicologia, da cultura, dos comportamentos da juventude.

A educação transmitida pelos formadores tradicionais, e especialmente pelos pais, tende, de fato, a ser substituída por uma *educação unidirecional*, que ignora a relação fundamental dialógica e interpessoal. Uma *cultura do provisório* que leva a desprezar os esforços a longo prazo, com uma *cultura massificante* que leva a esquivar-se de escolhas pessoais inspiradas na liberdade, substitui uma cultura fundamentada sobre valores-conteúdos, sobre a qualidade das informações. Uma postura de *aceitação passiva* dos modismos e das necessidades impostas por um materialismo que, incentivando o consumo, esvazia as consciências, contrapõe-se a uma formação orientada para o crescimento da responsabilidade individual e coletiva. A imaginação, própria da idade juvenil, expressão da sua criatividade, dos seus impulsos generosos, torna-se estéril *diante do hábito da imagem*, isto é, um modo de ser que se torna indolência e inibe estímulos e desejos, esforços e criação de projetos.

5. É uma situação que, embora não generalizada, deve, contudo, levar todos os que trabalham na comunicação social a uma séria e profunda reflexão. Eles têm um dever excitante e, ao mesmo tempo, exigente: do emprego que eles fizerem dos próprios recursos de inteligência e profissionalismo, depende grandemente a formação dos que, amanhã, deverão melhorar esta nova sociedade empobrecida dos seus valores humanos e espirituais e ameaçada de autodestruição.

Um dever ainda mais exigente têm os pais e os educadores. O seu testemunho, sustentado por uma conduta cultural e moralmente coerente, pode representar o mais eficaz e digno de crédito dos ensinamentos. O diálogo, o discernimento crítico, a vigilância são condições indispensáveis para educar um jovem a um comportamento

responsável no uso dos *mass media*, restabelecendo nele o justo equilíbrio, depois de eventual impacto negativo com estes meios.

O Ano Internacional da Juventude, também neste campo, interpela todo o *mundo dos adultos*. É dever de todos ajudar os jovens a entrar na sociedade como cidadãos responsáveis, homens formados, conscientes da própria dignidade.

6. O XIX Dia Mundial das Comunicações Sociais tem aqui o seu significado pleno. O tema da próxima celebração está no coração da missão da Igreja que deve buscar a salvação de todos os homens, pregando o Evangelho “sobre os telhados” (*Mt 10,27; Lc 12,3*). As comunicações sociais oferecem, hoje, grandes possibilidades nas quais a Igreja reconhece o sinal da obra criadora e redentora de Deus, que o homem deve continuar. Estes instrumentos podem, portanto, tornar-se poderosos canais da transmissão do Evangelho, tanto na pré-evangelização como no aprofundamento posterior da fé, para favorecer a promoção humana e cristã da juventude.

Evidentemente, isto exige: uma profunda ação educativa na família, na escola, na paróquia, através da catequese, para instruir e guiar os jovens no uso equilibrado e disciplinado dos meios de comunicação social, ajudando-os a ter um juízo crítico, iluminado pela fé, sobre as coisas vistas, ouvidas, lidas; (*Inter mirifica*, nn. 10, 16; *Communio et progressio*, nn. 67-70, 107). uma cuidadosa e específica formação teórica e prática nos seminários, nas associações de apostolado dos leigos, nos novos movimentos eclesiais, especialmente os juvenis, não somente para conseguir um conhecimento adequado dos meios de comunicação social, mas também para realizar as indubitáveis potencialidades que devem reforçar o diálogo na caridade e os liames de comunicação; (*Communio et progressio*, nn. 108, 110, 115-117) a presença ativa e coerente dos cristãos em todos os setores da comunicação social, para levar-lhes não somente a contribuição da sua preparação cultural e profissional, mas também um testemunho vivo da sua fé; (*Idem*, n. 103) o empenho da comunidade católica para que, quando for necessário, denuncie espetáculos e programas que atentam ao bem moral dos jovens, reivindicando a exigência de uma informação mais verdadeira sobre a Igreja e de transmissões mais positivamente inspiradas nos valores autênticos da vida; (*Inter mirifica*, n. 14) a apresentação da mensagem evangélica em sua integridade: preocupando-se em não traí-la, em não banalizá-la, em não reduzi-la instrumentalmente a visões sociopolíticas; mas também no exemplo de Cristo, *comunicador perfeito*, adequando-se aos receptores, à mentalidade dos jovens, ao seu modo de falar, ao seu estado e condição (*Catechesi tradendae*, nn. 35, 39, 40).

7. Desejo dirigir-me especialmente aos jovens na conclusão desta mensagem: aos jovens que já encontraram Cristo, a todos os que vieram a Roma, no início da Semana Santa, em comunhão espiritual com milhões de seus coetâneos, para proclamar, junto com o Papa, que “Cristo é a nossa Paz”; mas também a todos os jovens que, mesmo confusamente, entre incertezas, angústias e passos falsos, aspiram a encontrar este “Jesus que é chamado o Cristo” (*Mt 1,16*), para dar um sentido, uma finalidade à sua vida.

Caríssimos jovens! Até agora me dirigi ao mundo dos adultos. Mas, na realidade, sois vós os *primeiros destinatários* desta mensagem. A importância e o significado último dos meios de comunicação social dependem, definitivamente, do uso que deles faz a liberdade humana. Dependerá, pois, de vós, do uso que fareis, da capacidade crítica com a qual sabereis usá-los, se estes meios servirem à vossa formação humana e cristã ou se, então, eles se voltarem contra vós, sufocando a vossa liberdade e apagando a vossa sede de autenticidade.

Dependerá de vós, jovens, a quem compete construir a sociedade de amanhã, na qual a intensificação das informações e das comunicações multiplicará as formas de vida associativa, e o desenvolvimento tecnológico derrubará as barreiras entre os homens e as nações; dependerá de vós construir uma nova sociedade que seja uma única família humana, onde homens e povos possam viver em mais estreita colaboração e mútua integração, ou se, pelo contrário, uma sociedade futura onde se exacerbam os conflitos e as divisões que dilaceram o mundo contemporâneo.

Com as palavras do apóstolo Pedro, repito aqui o augúrio que fiz na minha *Carta aos jovens e às jovens do mundo*: “Estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir” (*1Pd 3,15*). “Sim, justamente vós, porque de vós depende o futuro, de vós depende o fim deste milênio e o início do novo. Não sejais, pois, passivos; assumi as vossas responsabilidades em todos os campos que se abrem para vós no nosso mundo! (João Paulo II, *Dilecti amici*, n. 16)

Caríssimos jovens! O meu convite à responsabilidade, ao empenho é, antes de tudo, um convite à busca da “verdade que vos tornará livres” (Jo 8,32), e a verdade é Cristo (cf. Jo 14,6). É, por isso, um convite a pôr a verdade de Cristo no centro da vossa vida; a testemunhar esta verdade na vossa história cotidiana, nas escolhas decisivas que devereis fazer, para ajudar a humanidade a se encaminhar nos caminhos da paz e da justiça.

Com estes sentimentos concedo a todos a minha bênção apostólica, propiciadora de luzes celestes.

Cidade do Vaticano, 15 de Abril de 1985.

PAPA JOÃO PAULO II

Copyright © Libreria Editrice Vaticana